



28 de Abril de 2024

Solenidade de São Luís Maria Grignon de Montfort, presbítero

## Um semeador entusiasmado



A celebração anual da festa do nosso fundador é uma oportunidade que o Espírito Santo dá à Igreja e à nossa Companhia em particular, para encontrar respostas aos anseios dos homens do nosso tempo. Não bastam diagnósticos, é preciso encontrar caminhos de esperança e vida porque o cristianismo não é ideologia, nem engenharia social, mas salvação que se encarna e urge descobrir e testemunhar. Desafia-nos um teólogo a um apurado cuidado a ler o agir de Deus: *“Devemos aprender nestes tempos a ser sensíveis à maneira como o poder de Deus se manifesta – sub contrario – nas nossas crises e fraquezas...sempre que somos tentados a perder a esperança nas noites escuras da história”* (Tomás Halik). Faz-se urgente uma mudança, uma transformação impulsionada pelo Espírito no rumo a uma comunhão alargada, cimentada no amor. Neste sentido há decisões a tomar, mais do que reflexões a elaborar. Ninguém melhor que os santos nas questões práticas. O nosso fundador deixou-nos algumas pistas para descobrir na vitalidade da fé a estrada certa para a renovação do cristianismo. Indicamos algumas que poderão ser úteis e julgamos ser as mais importantes:

- Mais anúncio que denúncia, mais testemunhas corajosas do que defensores entrincheirados de um passado, mais mítico que real. Montfort não se afastou do centro: Anunciar Alguém. Eis o essencial: *“Conhecer Jesus Cristo, a Sabedoria encarnada é conhecer quanto basta. Conhecer tudo e não conhecê-lo a Ele é não saber nada”* (ASE 11). Montfort foi

um arauto desta verdade transformadora do mundo e de nós mesmos.

- Não se preocupa com o que lhe acontece, aquilo que o faz sofrer. Foram tantos os momentos de críticas, injustiças, violências e humilhações de todos os tipos. Homem de “espírito plenamente livre”: livre do apego às suas obras, desamarrado da imagem que faziam dele: *“Aconteça o que acontecer, não me aflijo. Tenho um Pai no céu que é infalível. Ele me conduziu até aqui, me conservou até agora, Ele o fará ainda com as suas misericórdias ordinárias. Embora eu não mereça senão castigos pelos meus pecados, não deixo de pedir a Deus e de me abandonar à Providência”* (C 2). Homem tão empenhado e nada preocupado! Basta-lhe Deus para ter segurança e paz: *“Nada temas e dorme em segurança sobre o seu coração paternal”* (ACM 4).

- A reforma da Igreja não acontece a partir de fora, ad extra, mudanças institucionais, sejam pessoas ou organizações, mas a partir do interior, ad intra. A mudança para ser efetiva requer conversão pela pobreza, escuta e confiança em Deus. Sem o Espírito de Deus e a oração não se renova aquilo que pertence a Deus: *“Eu sou a tua proteção e defesa (...) porque colocaste toda a tua confiança em Mim e não nos homens, na minha Providência e não no dinheiro”* (ACM 3). Os grandes reformadores foram sempre os místicos, não os estrategas.

- Ser misericordioso com os pobres, porque vê neles *“Deus escondido”* (Ct 148). É clara a normativa que lega aos seus missionários: *“Terão pelos pobres uma diligência particular, tanto nas missões como*

fora delas, nunca lhes recusando a caridade, seja material, se puderem, seja espiritual, mesmo que por eles não digam mais do que uma Ave Maria” (RM 47). Não poderá faltar um “posto” para os pobres à mesa das nossas avaliações e decisões.

- Um amor íntimo e ardente a Nossa Senhora porque “entre todos os meios para alcançarmos Jesus Cristo, Maria é o mais seguro, o mais fácil, o mais curto e o mais santo” (ASE 212). Maria continuará a ser para o monfortino em caminho o selo que afere a verdadeira configuração da sua vida a Cristo, dando-lhe uma fecundidade cristã inigualável. Maria é a estrada a palmilhar para um encontro vivencial com Cristo.

Em tempos de profunda aridez espiritual na sociedade, sofrendo ela os efeitos do turbilhão informativo constante e cada vez mais frágeis e escassos sendo os vínculos de pertença, a vida e os escritos de Montfort continuarão a ser, em tempos conturbados, um roteiro seguro para vivermos a ressurreição, atravessando o desconhecido, corajosamente testemunhando o amor.

“Não soubeste o que era a felicidade senão no dia em que começaste a viver para os outros” (Leão Tolstoi, Guerra e Paz).

Boa festa para um coração em festa!

Vosso em S. Luís  
Pe. Amílcar Tavares,  
Superior da Delegação

## Sou todo teu, ó Mãe



A nossa igreja em Portugal vai viver de 31 de maio à 2 de junho do corrente ano o Congresso Eucarístico Nacional na Diocese de Braga. Por isso, é oportuno ir as obras do Padre de Montfort e redescobrir a relação que existe entre a devoção a Jesus por meio de Maria e a Eucaristia, e como estes últimos números do Tratado da Verdadeira Devoção podem servir de inspiração para se viver “eucaristicamente”.

Os últimos oito números do Tratado têm como tema central a comunhão eucarística vivida com a Santíssima Virgem, nos três momentos: antes, durante e depois da receção do pão eucarístico. O acontecimento da graça é único e os três aspetos estão tão intimamente ligados que formam um todo, embora seja possível distinguir três fases de uma única realidade. É evidente que o antes e o depois da comunhão não devem ser considerados separadamente no momento da celebração do sacramento, como se fossem a sua preparação remota e influenciassem o comportamento futuro de quem recebe o Senhor. Tal estudo e reflexão são sempre possíveis, mas não são do interesse de Montfort.

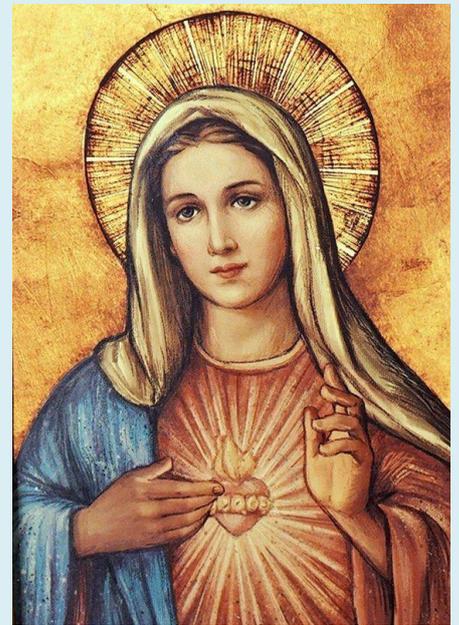
### Devoção e comunhão

A sua atenção está voltada para a comunhão eucarística vivida pelos fiéis que praticam “esta” devoção, ou seja, a devoção que ele ensina e que tem inegavelmente um componente místico. A distinção entre aqueles que se detêm “no que ela (a devoção) tem de exterior” e aqueles que, pelo contrário, entram “no interior” (que é o essencial desta devoção) permite entrever um modo diferente de abordar a Eucaristia. A diferença, simplificando e fazendo distorções que, na maior parte das vezes, não têm correspondência na vida concreta, poderia consistir nisto: quem se detém “no exterior” olha para a Virgem Santa como um modelo a imitar, a visibilidade de valores a perseguir. A Pessoa desaparece. Ela permanece uma proposta a realizar. Aqueles que, pelo contrário, entram “no interior” não ignoram certamente este aspeto, mas vão mais longe.

Introduzido pelo Espírito numa comunhão pessoal com a Virgem Santa, enriquece-a e completa-a. Em primeiro plano não estão as atitudes marianas a inspirar nas próprias escolhas, nos próprios comportamentos, mas a sua Pessoa, a sua companhia que testemunha a validade do estilo mariano transmitido também pela frequência.

## Conselhos

Num estilo coloquial, Montfort sugere quatro iniciativas aos devotos com vista à comunhão eucarística. Eis o seu texto: «1. Terás de humilhar-te profundamente diante de Deus. 2. Renunciarás ao teu fundo corrompido e às tuas disposições, por melhores que o teu amor-próprio as apresente. 3. Renovarás a tua consagração dizendo: "Sou todo vosso, querida Mãe, com tudo o que tenho". 4. Suplicarás a esta boa Mãe que te empreste o seu coração, para nele receberes seu Filho, com as suas próprias disposições»



## A partir de premissas diferentes

O quarto conselho distingue-se claramente dos três anteriores, quanto mais não seja porque o resto do número é um comentário sobre a comunhão/familiaridade do devoto com a Santíssima Virgem, convidado a tornar a comunhão eucarística mais sublime com a sua Presença.

Os três conselhos que o precedem são também praticáveis individualmente, por iniciativa pessoal, fora da companhia da Virgem Santa. A primeira disposição a redescobrir e a praticar é a humildade profunda. Nada pode despertar tanto a consciência da nossa precariedade como estar diante do mistério de Deus, cuja luz deslumbrante põe em evidência a verdade da sua criatura. A humildade é simplesmente a verdade nua e crua de cada um, protegida de qualquer expediente que a possa encobrir.

O segundo conselho também pode ser praticado na solidão, sem a presença mariana explícita. Montfort fala de renunciar "aos vossos antecedentes totalmente corruptos". A visão fortemente pessimista da condição humana não é uma surpresa na visão de Montfort. Ele é homem do seu tempo e por isso, algumas das suas posições sofrem esta influência. Por outro lado, é sabido que, sob um verniz religioso, camuflam-se muitas vezes intenções que estão longe dos autênticos valores evangélicos ou simplesmente religiosos. Muitas vezes não é o "religioso" que purifica os impulsos instintivos que o poluem. Acontece o contrário: os impulsos negativos são revestidos de um verniz religioso. A vigilância neste domínio nunca é excessiva.

O terceiro conselho diz respeito à renovação da consagração: assim, passa-se do monólogo voluntário ao diálogo. Já não se está "asceticamente" sozinho, embora animado pela boa vontade. O cenário muda assim completamente. Há um grande salto entre o primeiro e o quarto conselho! Cria-se um clima de festa, de familiaridade espontânea e serena que parece beirar a presunção de se colocar no mesmo nível.

Montfort vai ao ponto de sugerir ao devoto que peça à Virgem Santa que lhe "empreste o seu coração". O pedido é repetido no final do número: "Pedir-lhe-eis o vosso coração". O pedido repete-se no fim do número: "Pedir-lhe-eis, ó Maria, o seu coração", depois de ter usado expressões ousadas: "Dir-lhe-eis em confiança... que, pela Sagrada Comunhão, lhe quereis dar o mesmo dom que o Pai eterno lhe deu". Quem não se sente tocado perante uma confiança tão despreocupada?

Peçamos ao Senhor pelos bons frutos do Congresso Eucarístico e que Montfort nos ajude a viver este tempo de graça, procurando celebrar a Santa Missa com amor e devoção.

*P. Carlos Vieira*

## Um chamamento



Eu fui para o Seminário Monfortino, porque na altura, os padres monfortinos percorriam as escolas, tentando angariar alunos para o Seminário, que pudessem ser padres e missionários. E tendo vindo um padre dessa congregação à Escola Primária dos Casais dos Lobos, da freguesia de S. Mamede, quando eu frequentava a quarta classe, fiquei entusiasmado com a ideia de “ser padre”, e ao chegar a casa, transmiti isso aos meus pais.

E quando terminei a quarta classe, fui para o Seminário, em Fátima, que se situava bem perto da minha residência, a cerca de cinco quilómetros, mas que não notei grande mudança, até porque “os padres monfortinos”, a maioria deles eram holandeses, e já tinham uma grande abertura para a sociedade e para o mundo, e até nos “incentivavam” a ir todos os fins-de-semana a casa para estarmos em família, e na maioria deles eu fazia isso.

Para mim, a frequência do Seminário, neste caso dos Monfortinos, durante cinco anos, foi uma grande escola de vida. Aliás eu havia nascido, numa pequena aldeia, onde não havia praticamente nada, nem luz eléctrica, nem transportes, nem estradas, nem meios de comunicações, etc.

Foi no Seminário Monfortino, que tive a continuação dos valores de educação e morais que havia recebido da minha família e dos meus progenitores, dos quais já tinha os genes, que depois desenvolvi no Seminário com a vivência e o exemplo nas palavras e nos actos que me foram transmitindo os padres e os outros educadores, e que eu fui absorvendo bem, e que ainda hoje permanecem em mim, e me guiam na minha conduta de vida.

Os Padres Monfortinos foram uns grandes mestres para mim, e recordo ainda alguns com muita saudade, e um grande místico de nostalgia por tudo aquilo que me transmitiram, os valores de cristandade, de honestidade, de sinceridade, de integridade, de amor ao próximo, e de amor mútuo, e todos os valores de vida que hoje me norteiam, e sempre me têm norteado durante o meu percurso de vida, quer profissional, quer pessoal.

Foram para mim uma grande escola de vida, e julgo que para a grande maioria, de todos os que frequentaram, o Seminário, em especial os Monfortinos.

No decurso de quase sete décadas de vida, cruzei-me com muitas pessoas, que frequentaram o seminário, não só os monfortinos, mas outros, e por norma essas pessoas eram diferentes e “notavam-se”, havia algo nelas que as distinguiu, e esse algo era sempre para melhor, em tudo, na educação, no trato, no respeito, etc.

Frequentei o Seminário Monfortino durante cinco anos, e foi com alguma mágoa, que quando cheguei ao fim do quinto ano, me mandaram embora, dizendo-me para ir “experimentar” lá fora, e depois se visse que tinha vocação, que voltasse. Ainda hoje penso que se isso não tivesse acontecido “eu hoje poderia ser padre”. Mas também acho que me sinto muito realizado na minha vocação, pois tento e consigo pôr em prática o que LÁ me ensinaram, e me foi ensinado pelos padres Monfortinos, e que eu aprendi, o grande amor ao meu próximo, em tudo aquilo que faço, e na minha profissão, de Médico Veterinário, que exerço há mais de quarenta anos, sempre executei TUDO com esse lema.

Batalha, 26 de Abril de 2024

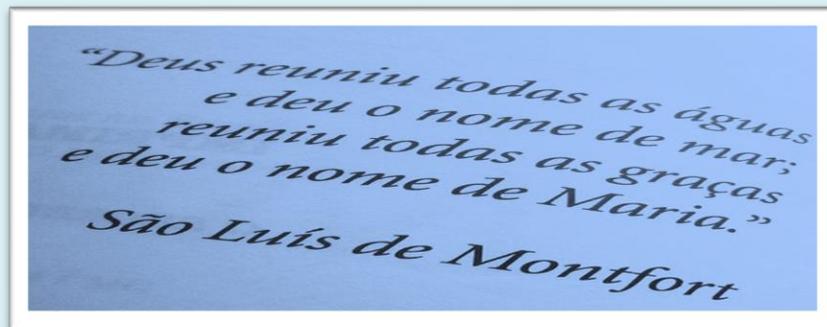
José Eusébio,  
Médico Veterinário

## COMUNICAÇÕES-INFORMAÇÕES

✦ Foi assinada a Convenção entre a Delegação Portuguesa e a Província da Indonésia que regula a missão do P. Agustinus em Portugal. Será membro de pleno direito da Delegação, com voz ativa e passiva, por um mandato de 6 anos (2024-2030) com a possibilidade de este ser renovado. Gozará de férias de 3 em 3 anos por um período de 12 semanas.

Alegremo-nos pela disponibilidade do P. Agustinus Asman em trabalhar na nossa Delegação. Acompanhamos o nosso confrade com o nosso estímulo, oração e afeto. celebração da Eucaristia seguindo-se um almoço de confraternização.

.....



### ENDEREÇOS DOS MISSIONÁRIOS MONFORTINOS EM PORTUGAL

✦ Página Web: [www.monfortinos.pt](http://www.monfortinos.pt)

✦ Youtube: <https://bit.ly/3jzPbCw> ou [https://www.youtube.com/results?search\\_query=monfortinos+em+portugal](https://www.youtube.com/results?search_query=monfortinos+em+portugal)

✦ Facebook: <https://bit.ly/3np879a> ou <https://www.facebook.com/groups/monfortinosportugal>